

ENTRE «UNS» E «OUTROS». CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA DE HÉLDER FAIFE¹

NAZIR AHMED CAN

Universidade de São Paulo / FAPESP

RESUMO: Focalizando *Poemas em sacos vazios que ficam de pé*, primeiro livro de Helder Faife, o presente texto reflete sobre as relações entre poesia e institucionalização literária em Moçambique. Após algumas considerações sobre sua posição no campo literário, observaremos como o autor exercita um jogo que entrecruza língua e sociedade: a partir de pequenas variações prosódicas (que oferecem uma musicalidade orgânica aos versos) e deslocamentos morfossintáticos (que indiciam o tráfico generalizado entre os protagonistas), Faife apresenta algumas das grandes contradições do meio urbano moçambicano.

PALAVRAS-CHAVE: Helder Faife, Moçambique, poesia, campo literário.

BETWEEN “SOME” AND “OTHERS”. REFLECTIONS ON THE POETRY OF HÉLDER FAIFE

ABSTRACT: Focusing on *Poemas em sacos vazios que ficam de pé*, by Helder Faife, this article aims to reflect on the relationship between poetry and literary institutionalization in Mozambique. After some considerations on the positions in the literary field, we will observe how the author, in his first book, proposes a kind of intersection between language and society: based on small prosodic variations (that give an organic musicality to the verses) and morphosyntactic displacements (that suggest the general movement between the protagonists), Faife presents some of the major contradictions in the Mozambican urban space.

KEYWORDS: Helder Faife, Mozambique, poetry, literary field.

INTRODUÇÃO

No mundo editorial moçambicano de hoje coexistem livros de autores reconhecidos, mesmo a nível internacional, e de autores desconhecidos, inclusive a nível nacional. A promiscuidade entre textos consagrados e ignorados, assi-

¹ Este texto é apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no âmbito do projeto de pós-doutorado *Imediações, mediações e consagrações: o campo literário moçambicano (1975-2010)*, que realizo na Universidade de São Paulo sob a supervisão de Rita Chaves.

nalada nas estantes das livrarias de Maputo, convida-nos a refletir sobre as relações e os abismos entre dois grandes circuitos literários: o campo (Bourdieu 1992), espaço constituído por autores legitimados, lidos e analisados no país e/ou no exterior, e o símile-campo (Poliak 2006), espaço periférico, desprestigiado e ocupado por dois tipos de escritores: 1) aspirantes de todas as idades desprovidos de possibilidades reais de entrada no campo;² 2) pretendentes que, por razões literárias e/ou institucionais, se encontram mais próximos da porta que dá acesso ao universo autorizado.³

Vale ressaltar que esta divisão, apesar de prévia e necessariamente provisória, é elaborada a partir de alguns indicadores quantitativos e qualitativos como são o número e tipo de textos publicados; traduções e estudos que dos mesmos derivaram; prêmios que receberam; material publicitário sobre a figura ou obra do escritor; projetos, comitês de revistas e jurados de que formaram parte; entrevistas concedidas a órgãos nacionais e internacionais; eventos em que participaram ou estratégias textuais e paratextuais a que recorrem, etc. As concorrências e as variadas formas de dominação existentes num mercado literário fragmentado, porque multilocalizado, dependente também de agentes externos e, internamente, pouco dotado de recursos materiais, inviabilizam o desenho de uma estrutura hierárquica rígida. Até porque, mesmo quando situados num mesmo espaço horizontal (como o topo, o centro ou a base), espaço que nunca é fixo, mas relacional e apto a revisões, os escritores não se encontram em situação similar, raramente participam nas mesmas redes e projetos e nem sempre produzem textos que vão na mesma direção.⁴ De todos os modos, parece-nos claro que o campo literário moçambicano organiza-se a partir de uma primeira e grande oposição entre os escritores «nacionais» e os escritores «internacionais», isto é, entre os autores lidos e analisados no exterior e aqueles que, além

² Centrando-nos na poesia, pretendentes tardios, como Salim Sacoor, Armando Meque Mudiue, Luís Correia Mendes, Daniel Mabacamele, ou ainda aspirantes mais jovens, como Amarildo Valeriano, Abylin Ibraimo, Manecas Cândido, Nizete Monteiro Mavila, Gilberto Namuhara ou Fátima do Rosário Gomes Cordeiro são casos paradigmáticos desse primeiro subgrupo.

³ Sem sair do campo de produção poética, jovens autores como Hélder Faife, Florindo Mudender, Rogério Manjate, Andes Chivangue, Sangare Okapi, Mbate Pedro ou Adelino Timóteo poderiam ilustrar, embora cada qual a sua maneira, algumas das lógicas e complexidades desse segundo subgrupo do símile-campo.

⁴ Sobre a articulação entre elementos qualitativos e quantitativos, bem como sobre o papel das redes de sociabilidade literária na vida dos autores, veja-se Marneffe e Denis (2006).

de circularem exclusivamente em Moçambique, não captaram ainda o interesse da crítica especializada. Importa, contudo, não perdermos de vista que os autores «internacionais» que clamam por uma autonomia da literatura (como João Paulo Borges Coelho e Luís Carlos Patraquim) acabam por experimentar no mercado exterior uma sensação semelhante à dos escritores menos visíveis do *símile-campo*, visto serem situados, segundo a mesma lógica de oposição entre um lado mais «literário» e outro «nacional», neste último bloco. Para constatar este fato, basta observarmos, por exemplo, o lugar que ocupam (quando ocupam) seus livros nas estantes das livrarias portuguesas e brasileiras ou como os mesmos são integrados nos currículos universitários internacionais. Daí concordarmos com Casanova (2002: 140) quando afirma que «existe homologia de estrutura entre cada campo nacional e o campo literário internacional».

Em seus trabalhos sobre o *símile-campo* francês, Claude Poliak interpreta a produção consagrada e a produção deslegitimada em termos de oposição, por um lado, e em termos de *continuum*, por outro. Ou seja, considerando as relações materiais e simbólicas existentes a um nível textual e institucional, detecta entre a literatura reconhecida e a literatura «profana» (Bourdieu 1992)⁵ não apenas uma distância avassaladora de práticas, mas também uma fronteira, que é sempre apta à revisão e à discussão. O *símile-campo* é, assim, um espaço de heterogeneidade, agregando autores desprovidos de capital literário (mas que sentem a «paixão pela escrita») e pretendentes *de facto* (que se situam numa espécie de umbral, de «zona de espera») (Poliak 2006: 255). Assim, para além de dar conta da natureza heteronímica dos espaços artísticos, o conceito de *símile-campo* permite situar os escritores menos conhecidos que, sendo mais bem informados sobre as regras do jogo literário, possuem mais possibilidades de aceder ao campo (Poliak 2006). Este parece ser o caso, no contexto da poesia moçambicana, de Hélder Faife. Pertencendo à nova geração e não tendo sido ainda alvo de muitos estudos, o jovem autor é um desses casos que fazem diluir as fronteiras entre autores reconhecidos e os aspirantes deslegitimados na vida literária no país.

Centraremos nossa atenção a partir de agora em *Poemas em sacos vazios que ficam de pé* (TDM 2010). Rompendo com as tendências gerais da estética

⁵ Em seus estudos sobre o campo literário francês, Pierre Bourdieu (2011: 83) demonstra como os escritores amadores, ao fazerem uso das formas inculcadas na escola, «profanam» as regras do jogo literário.

do primeiro subgrupo do símile-campo e dialogando com a escrita do campo, Hélder Faife propõe um jogo que faz entrecruzar língua e sociedade. A partir de pequenas variações prosódicas (que oferecem uma musicalidade orgânica aos versos) e de deslocamentos morfossintáticos (que indiciam o tráfego generalizado entre os protagonistas), o jovem estreante assinala algumas das grandes contradições do atual meio urbano moçambicano.

DE SUBVIVÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS

Hélder Faife nasceu em Maputo, em 1974. Filho de Abel Faife (acreditado jornalista moçambicano falecido em 1987), formou-se em Arquitetura e Planejamento Físico, tendo trabalhado ainda como artista plástico, cartunista e criativo de publicidade. Obteve uma dupla conquista na quinta edição do «Concurso Literário TDM 2010». *Contos de Fuga e Poemas em sacos vazios que ficam de pé* venceram as categorias de conto e poesia, respectivamente. Segundo a página eletrônica da empresa que organizou o concurso, além do prêmio monetário (150 mil meticais no total, ou seja, 75 mil para cada uma das modalidades), a Telecomunicações de Moçambique (TDM) editou 1.000 exemplares de cada obra. Depois de citar o nome de algumas das personalidades presentes na cerimônia de entrega, a nota informativa acrescenta que foram convidados os «familiares dos vencedores, *escritores e fazedores de literatura no nosso país*» (TDM 2010).⁶ Como se pode observar, a fronteira entre legítimos («escritores») e os outros («fazedores de literatura») é internalizada pela própria entidade organizadora.

Poemas em sacos vazios que ficam de pé é, sem embargo, um livro muito diferente da maioria dos que compõem o símile-campo. A começar pelos elementos paratextuais, pautados pela discrição. Uma pequena nota biográfica de três linhas, na contracapa, é suficiente para apresentar o autor. Quanto à capa, ilustrada pelo próprio escritor, um vendedor (ou uma vendedora) transporta em seu carrinho de mão o título do livro. No que se refere à página de agradecimentos, apenas os nomes de familiares são evocados. Isto é, ao contrário da maioria dos pretendentes do símile-campo, Faife não homenageia nem se vincula a nenhum agente do universo literário legitimado. O livro tam-

⁶ Os grifos são nossos.

pouco contém prefácio ou posfácio. Há apenas uma pequena nota escrita pelo autor, na qual se anunciam, em prosa, as temáticas maiores do livro:

Tímido curso de águas domésticas suburba o lustro urbano. Gente anti-municipal, sentenciada pelo simples delito de existir, esgueira-se pelos textos corcundando trouxas informais do comércio ilegal. As moscas em balbúrdia são borboletas colorindo frases. Não há dinheiro, diferencial que nos torna bandidos ou mendigos [...] Também há escarro, muito escarro contido, sem o ímpeto da revolta, pensamentos apenas, e um sopro oco expelido silenciosamente dos intestinos (Faife 2010: 5).

«Sem o ímpeto da revolta», um dos *doxas* do símile-campo,⁷ Faife mergulha nas «águas domésticas» dos subúrbios e dessa «gente anti-municipal», que sobrevive e sobrevive como pode. Podemos inclusive afirmar com certa margem de segurança que, se excetuarmos os versos de Craveirinha (com quem parece estabelecer uma indireta interlocução) e os contos de Suleiman Cassamo (muitos deles ambientados no espaço suburbano), poucos autores consagrados trabalharam com a mesma intensidade a geografia humana que Faife focaliza neste livro.

Poemas em sacos vazios que ficam de pé divide-se em três partes: «poemas em sacos vazios», que privilegia o mundo dos vendedores informais; «dez abafos de uma p... », que se centra nos universos privado e público da prostituta; «poema vazio e outras dores», que, não se desvinculando das duas primeiras realidades, repensa de maneira mais geral a desigualdade entre o cimento e o caniço. Em todas elas, Faife estabelece um jogo de variações entre a língua e os abismos sociais. Isto é, a partir de pequenas alternâncias silábicas ou gramaticais, que põem em diálogo o signifiante e o significado, oferecendo ao poema uma musicalidade orgânica, Faife assinala as grandes contradições do mundo contemporâneo moçambicano.

É nessa linha que se situa, por exemplo, o poema «uns e outros»:

⁷ Naturalmente, não caberia neste espaço muitos mais detalhes sobre nossa pesquisa atual, que tem analisado cerca de 30 poetas do símile-campo moçambicano, a maioria dos quais saídos de concursos literários ou publicados em edições de autor com circulação precária. Remetemos o aprofundamento das tais «mediações literárias» moçambicanas, ou mesmo de outros contextos, a recentes ensaios que publicamos (Can 2011; Can 2013).

Uns sentam-se à mesa farta e tomam o pequeno almoço
 Outros não se sentam, porque é pequeno, o almoço.
 Uns, os que se sentam, servem.
 Outros, os que não se sentam, servem.
 Uns que se sentem.
 Os outros sentem.
 Claro está, uns e outros não se podem sentar à mesma mesa, pois são o contra-
 ponto uns dos outros [...]

E dois pontos não podem simultaneamente ocupar o mesmo espaço.
 [...] o destino da refeição dos que se servem é manipulado pelos que servem, e o
 destino dos que servem é manipulado pelos que se servem. Como manipular o des-
 tino uns dos outros se estamos todos reféns do destino?
 Uns não têm resposta.
 Os outros não ripostam.
 Uns têm mesa, outros têm chão. A mesa é farta, o chão é fértil.
 À mesa farta sentam tramam e tomam.
 Sob o chão fértil tremem e temem que lhes tomem (Faife 2010: 87).

Partindo de uma pesquisa sobre as potencialidades imagéticas e sonoras da língua, a poesia de Faife oferece ao leitor alguns dados sobre a crescente desigualdade social em Moçambique. Para além dos empregados domésticos, os vendedores, enquanto ícones do cotidiano, ocupam um lugar de destaque em seu imaginário literário. Com escasso protagonismo na poesia e na prosa moçambicana, tais figuras são, nos versos do autor, a face eloquente de uma realidade onde as finanças definem a agenda política. É nesse contexto que o vendedor pode apenas viver de restos, arquitetar formas de contrapoder e/ou incorrer no crime. Ademais da diversidade de itinerários individuais, Faife parece querer chamar a atenção para uma perda específica na sociedade moçambicana atual: a reciprocidade.

Em qualquer relação interpessoal, a reciprocidade depende de uma base comum: a apreensão da dimensão «tempo». O tempo dos vendedores de rua é diferente, não por qualquer razão de natureza transcendental, mas pelo destino político e social que lhes coube em sorte. Tal destino os coloca numa posição intermédia, que se situa entre a natureza rastejante e as altas finanças:

o relógio da vendedeira
 não tem ponteiros
 é o fluxo estonteante

de compradores que vêm e vão
e o ângulo das penumbras
a moverem-se pelo chão
a ampulheta do sol inverte-se
no nascente e no poente
e marcas impulsos
que de tão eficientes
não lhe cabem no pulso (Faife 2010: 16).

Não pertencendo a nenhum dos horizontes da vida moderna («nascente» e «poente»), desprovidos, portanto, da comunhão de uma das coordenadas de existência (o tempo), resta aos vendedores a tentativa de apropriação da outra coordenada (o espaço).

Os espaços que o autor desenha para os vendedores não exigem (nem demandam) um complemento retórico. É o caso dessa calçada, ocupada em toda sua extensão pelo solitário menino-vendedor:

lágrimas tempestuosas molham o chão
o comércio de rua está ensopado
o vento espirra
um putito funga torrencialmente
e constipa a calçada
está só e veste calças muito curtas
ou meias castanhas compridas
... muito compridas (Faife 2010: 29).

É este lugar empestado pelo fungo da criança (que, como pode, negocia sua dignidade com as roupas simultaneamente curtas e compridas que possui), espaço apenas parcial e precariamente ocupado devido à ausência da tal reciprocidade, que força o menino a se tornar adulto antes do tempo:

menino sentado
a comerciar doces
sem autorização para prová-los
a cicatriz funda
da meninice no olhar
ainda é crosta

e dói
 e sangra
 ferida de morte
 a infância amarga morre
 o pequeno adulto amalgamado prova doce
 e comete o primeiro roubo (Faife 2010: 35).

Sem revolta nem gritos de ordem, mas efetivo, Faife oferece-nos essa «modéstia porção de subúrbio encardindo o lustro urbano» (Faife 2010: 39), cenário de pessoas excluídas que, quando pisam o cimento, podem ser espezinhas pelo movimento.

Ao refletir sobre o tempo descompassado e o espaço (do) marginalizado, ambos em relação fraturada com um «centro» flutuante (neste caso, o do dinheiro), o autor demarca-se ainda da «emoção» atemporal que recobre quase por completo a poesia do símile-campo. Seus versos chegam mesmo a confrontar esse universo: «quem dá afeto não se infeta?» (Faife 2010: 58). Por pressentir a violência simbólica que se esconde no *ethos* da doçura, Faife apoia-se no amargo:

ao sol
 sem lirismo
 florescem as palavras
 empilhadas para o comércio
 é poesia que vendo
 música necessária
 à algibeira
 maestro sem pressa
 desenho o ar
 e espanto as moscas
 com o aceno
 tilinta a música
 de moedas no bolso (Faife 2010: 46).

À ruptura com o imaginário da sensibilidade «amorosa» se junta o rechaço à ideologia do «dom» artístico, tão em voga entre os iniciantes. Ambas as repulsas se fazem, como podemos notar na passagem citada, a um nível semântico e formal. Em cada série de elementos valorizados pela poesia do primeiro subgrupo do símile-campo («sol», «lirismo», «palavras» / «poesia», «música» / «maestro», «desenho» / «aceno» / «música»), surge um contraponto desmisti-

ficador («comércio» / «algibeira» / «moscas» / «moedas no bolso»). A ilustração da capa de seu livro sintetiza, pois, o projeto artístico e ideológico do jovem estreado. Nela, como já assinalamos, um (ou uma) jovem transporta, num carinho de mão, o título do livro, anunciando implicitamente uma mensagem de natureza poética e política.

Como se não bastasse, em Faife, alguns elementos simbólicos ou culturais muito tratados no campo literário são também reavaliados. Por exemplo, a velhice deixa de ser apenas fonte de sabedoria:

velhos não são trapos
 mas trajam farrapos

 o corpo pendurado nos ombros
 verga ao peso do fardo dos anos
 é a gravidade cínica que o convoca
 a engravidar a terra com seu túmulo

 arrasta-se sem graça
 cartão postal da desgraça

 esquecido o seguro de juventude
 a vida não se reembolsa

 a dignidade reformou-se com a idade
 já não vende cigarros
 pede esmola

 o abdômen é o recôncavo vazio dum prato
 a mão pedinte é uma colher
 a esmola é sua pensão de reforma

 a velhice não é um posto
 é um imposto (Faife 2010: 15).

A capulana, por sua vez, já não realça com suas cores e texturas os contornos físicos e existenciais da mulher moçambicana. Ela é, aqui, unicamente depósito, o último dos esconderijos possíveis:

no norte da capulana
 um nó providencial
 é cofre seguro
 o pano mãe
 com que se enroupa
 agasalha a receita do dia (Faife 2010: 14).

Já a acácia, habitualmente enquadrada como centro de beleza, ou então como referente de um celebrado saber coletivo — a raiz —, converte-se em cenário do íntimo, do marginal e do escatológico, em passarela de personagens secundárias da História:

os amantes
 na discrição do escuro
 encostam-se ao tronco
 chilreiam seus pássaros famintos
 e moram um no outro
 depois vem o bêbado
 mija e balbucia delírios
 abraçado ao caule
 escorrega tronco abaixo
 e adormece de braguilha aberta
 sobre o orvalho azedo da urina (Faife 2010: 47).

Por outro lado, se o «voo» costumava antes conotar a libertação das amarras poéticas e políticas, agora, com Faife, é associado também ao mendigo (esse «man digno», 2010: 74). Ou então às larvas:

desfiar as ruas
 engravatar o silêncio frio do deserto urbano
 espiolhar fórmulas artesanais de existir
 reciclar a vida com delicadeza de ave
 colher bocados de relento
 e edificar um ninho
 com o bico
 assim
 como quem alimenta suas crias (Faife 2010: 75).

milagre no bazar, insólito de tão banal: fruta gera vida, larvas!
 da podridão os bichos bebês espreitam tímidos

ensaíam a vida, coreografia dócil de movimentos molares
[...] enquanto a vida resplandece da podridão cadavérica do fruto
cogito a nossa condição:
para onde voar sem asas o corpo inquieto que nos pesa a alma?
ou somos ainda larvas na polpa deste mundo apodrecido? (Faife 2010: 42).

Finalmente, a «poesia líquida», imagem que atualiza a natureza compósita da nação, devido ao permanente encontro (ou, melhor dito, embate) de culturas que sua paisagem favoreceu desde os primórdios da história, é, de certa forma, contraposta nos versos de Faife. E isto se dá porque o autor sugere a violência que também se deixa dimanar:

deixem o poema ser líquido
e escorrer pela borda da estrada
encontrar-me-ão caseiro
e de portas abertas
na sarjeta (Faife 2010: 72).

Desmistificando a escrita profana e, conscientemente ou não, desafiando algumas formas cristalizadas no campo literário, Hélder Faife não se esquece de posicionar socialmente seu sujeito poético — outro dos aspectos pouco frequentes na escrita nacional. Este, a certa altura, se pergunta pelo lugar que ocupa nesse palco de atropelamento social:

enquanto o mundo se ri dele
o homem crespo de cabelos
e liso nos bolsos
estende a mão pedinte
outro
liso de cabelos
e crespo na bolsa
cospe-lhe uma moeda
eu
descabelado
e mulato no bolso
serei liso ou crespo?
roto no cabelo
ou calvo nos bolsos? (Faife 2010: 84).

Também o universo da prostituta, temática cara a escritores do símile-campo e do campo literário, é repensado por Faife. Em alguns poemas, sobretudo aqueles que fazem entrecruzar a exterioridade e a interioridade da prostituta, um diálogo com a poesia de Craveirinha ou com a fotografia de Ricardo Rangel parece estabelecer-se:

a rachadura no espelho
 parte-me em duas
 dispo lentamente a alma
 deixo-a ileisa
 do outro lado do reflexo (Faife 2010: 52).

Ao corpo da prostituta, isto é, a essa «repartição pública nocturna | expediente | para homens e moscas» (Faife 2010: 60), o jovem autor acrescenta, entretanto, novas simbologias:

corpo enrolado em outro
 yin and yang
 in and out
 out put, in put
 imputa-me
 onde mais fundo me tocas:
 na bolsa (Faife 2010: 56).

Nestes sete versos, a prostituta possui uma tripla função: materializa a dualidade, por ser o espaço onde coabitam duas forças opostas e complementares. Segundo a tradição do taoísmo, yin é o princípio feminino, da terra, da absorção, da escuridão e da passividade; yang sinaliza o outro lado, o masculino, do céu, da luz, da penetração, da atividade. Para além de convocar um conceito chinês para descrever o encontro entre a prostituta e o cliente (conceito que pode indiciar também o crescente contato empresarial entre China e Moçambique), interliga-o à conjunção em língua inglesa (*and*), a língua internacional dos negócios financeiros, do encontro desigual dos tempos neoliberais moçambicanos. A primeira função vincula-se diretamente à segunda: a prostituta materializa a violência do hibridismo. O «out put, in put», ou esse entrar e sair do corpo da prostituta, enquadra-se na mesma lógica do *entrar y salir* da modernidade, teorizada por Cornejo Polar (1997). Segundo o teórico

peruano, o tom de celebração com que se aplica normalmente o conceito «hibridismo» pode facilmente transportar a análise ao equívoco. O engano consubstancia-se na insistente ideia de abertura e fusão de culturas e no esquecimento das contradições intrínsecas desse processo (Cornejo 1997: 21).⁸ Finalmente, a terceira função: a prostituta pode encarnar a resistência. O poema finaliza com o desprezo da trabalhadora perante a suposta força desses ilustres «estrangeiros», que em seu corpo se esvaziam, a nível simbólico e material.

A temática da resistência não se limita, assim, àquele sentimento apaziguador e conservador de que o pobre é melhor do que o rico simplesmente porque é excluído. A «infrapolítica dos desvalidos» (Scott 2003) é, em Faife, uma forma possível e legítima de luta:

tua voz vem comprar
 pergunta receosa
 quanto custa
 solícito
 dou-te os preços
 inflacionados
 com astúcia
 regateias mas não cedo
 viras as costas mas regressas
 após inspeccionar o mercado
 resmungas mas compras
 e eu espero paciente
 pela imbecil distração
 de outras presas (Faife 2010: 37).

Os marginalizados inscritos pelo autor não são, portanto, um mero instrumento de antiexotismo literário. Como bem detecta Jéssica Falconi (2011: 63), no único texto crítico, até à data, escrito sobre o autor, «a instância de denúncia da desumanização faz com que a poesia resista à retórica da idealização da pobreza». Ainda segundo Jéssica Falconi (2011: 62):

As personagens e as dinâmicas relativas ao mundo do comércio informal são, de fato, representadas, em vários poemas, através de estratégias de imitação e apro-

⁸ Uma crítica a esse tipo de celebração no contexto índico é oferecido pelo volume coletivo organizado por Garcia, Hand e Can (2010).

priação dos códigos da economia e do trabalho «formais», da lei e da administração, produzindo um efeito de subversão, que procura reatribuir, a estes sujeitos subalternos, o poder de resistência e de negociação da sua identidade social dentro do espaço da cidade e da nação.

Deslocados no cimento moçambicano, os marginalizados de Hélder Faife exercitam um conjunto de estratégias cujos objetivos são diversos, mas interdependentes: a luta pela minimização da naturalização do poder e o combate pela sobrevivência.

Não é difícil constatar, por outro lado, que o autor possui uma característica rara no símile-campo: o domínio da língua e da linguagem literária. O fato de ter crescido à volta de livros parece estar na origem desse diferencial. Em entrevista ao jornal moçambicano *Verdade* (2010), Faife explica a influência familiar em sua trajetória:

Para começar tinha uma estante enorme de livros. Na altura não tínhamos um televisor, o meu pai morreu em '87. A decoração da sala sem um aparelho de televisão era mais para o rádio, gira-discos, cristaleira e, principalmente, uma estante de livros. A estante do meu pai era enorme, tinha muitos livros e eu conhecia os livros todos pela cor e pelos títulos. Por fim, acabei por ler grandes livros. Aprendi a ler com Jorge Amado, naquela altura, não entendia nada, mas sabia que era um bom livro, apesar de ter letras pequenas. Também lia os artigos do meu pai que ele recortava.

Nessa mesma entrevista, o escritor garante que seus textos e seus versos apenas pretendem «pegar em coisas corriqueiras e espremer poesia delas para ver se sai algo palpável» (*Verdade* 2010). Faife esclarece ainda que este livro é o resultado de uma seleção de poemas escritos há alguns anos, mas que adormeciam na gaveta. Ao revê-los, encontrou um fio condutor: «Uma vez recolhi os meus poemas e procurei o que tinham de comum e vi que era o prazer de escrever» (*Verdade* 2010). O fato de ter crescido num meio familiar que cultivava a leitura, aliado a uma prática de escrita que não dispensa a releitura e a seleção, são, em suma, condimentos decisivos para qualquer tentativa de aproximação ao universo literário.

CONCLUSÃO

O *boom* da edição em Moçambique não é capaz de mascarar um fosso de desigualdades: os desenvolvimentos da política cultural, quase sempre entregue a instituições privadas de Maputo, em pouco ou nada contribuem para o aumento das possibilidades reais de acesso e de apropriação dos fundamentos da literatura escrita. O problema não é específico de Moçambique. Pelo contrário, é característico das sociedades de consumo, que, acumulando coisas (imagens, palavras, ideias, livros, concursos, saraus, homenagens), banalizam seu significado (Mammì 2012: 112). Dessa forma, em vez de se dirigir a uma igualdade efetiva, a propagada «democratização cultural» acaba por perenizar uma demarcação entre a elite letrada e os aspirantes (de outras classes sociais), alimentando ilusões irrealistas e convidando a práticas autodidatas e irregulares (Poliak 2006).

No entanto, da mesma forma que a literatura autorizada, em qualquer contexto, se caracteriza pela diversidade de práticas e praticantes, a escrita do circuito secundário possui diversas facetas, e inclusive um horizonte real de possibilidades. O caso de Hélder Faife é disso exemplo. Demonstrando um conhecimento profundo do *símile-campo* (cujo imaginário desconstrói) e do *campo* (onde sua escrita, em prosa ou em verso, necessariamente caberá), driblando a capa plana do idioma e demarcando-se de exuberâncias retóricas ou de conteúdos inconsequentes (sem deixar, porém, de abalar pela língua e pelo enunciado), Faife é contundente em sua estreia, comprovando que, apesar das dificuldades materiais e simbólicas que recobrem a prática literária no país, algumas das novas vozes merecem a atenção da crítica especializada e o interesse de leitores e editores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre (1992). *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil.
- BOURDIEU, Pierre (2011). *Coisas ditas*. Trad. de Cássia R. Silveira & Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense.
- CAN, Nazir (2011). «La estética de lo cotidiano en las literaturas emergentes: el caso de los relatos cortos de Mauricio». Mercedes Sanz Gil; Joan Manuel Verdegil Cerezo (orgs.). *Construcción de identidades y cultura del debate en los estudios en lengua francesa*. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 287-298.

- CAN, Nazir (2013). «Mediações interartísticas no campo literário moçambicano: o caso de 'Agarra-me o sol por trás (e outros escritos & melodias)', de Tânia Tomé». *FronteiraZ*, 10, 135-152.
- CASANOVA, Pascale (2002). *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade.
- CORNEJO POLAR, Antonio (1997). «Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes». *Revista Iberoamericana*, 180, 341-344.
- FAIFE, Hélder (2010). *Poemas em sacos vazios que ficam de pé*. Maputo: TDM.
- FALCONI, Jéssica (2011). «As margens da nação na poesia de Sangare Okapi e Hélder Faife». *Revista Mulemba*, 4, 57-64.
- GARCIA, Mar; HAND, Felicity; CAN, Nazir (orgs.) (2010). *Indicités/Indices/Indícios. Hybridations problématiques dans les littératures de l'Océan Indien*. Ille-sur-Têt: Éditions K'A.
- MAMMÌ, Lorenzo (2012). *O que resta: Arte e crítica da arte*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MARNEFFE, Daphné, Denis, Benoît (orgs.) (2006). *Les Réseaux littéraires*. Bruxelles: CIEL-Le Cri.
- POLIAK, Claude (2006). *Aux frontières du champ littéraire: sociologie des écrivains amateurs*. Paris: Economica.
- SCOTT, James (2003). *Los Dominados y el arte de la resistencia*. Tafalla: Txalaparta.
- TDM (2010). «Vencedor do Concurso Literário laureado com dois prêmios». *TDM, Jornal do Cliente*, 55. [En línea] [5 de novembro de 2014]. <<http://www.tdm.mz/portdm/jornal/jc55.indd.pdf>>.
- VERDADE (2010). «Quem sai aos seus, não degenera. Entrevista a Hélder Faife.» *Jornal Verdade*. [En línea] [7 de novembro de 2010]. <<http://www.verdade.co.mz/index.php/opiniaio/vida-e-lazer/cultura/15247-quem-sai-aos-seus-nao-degenera>>.